

Torturador confessa ter matado Manoel Lisboa

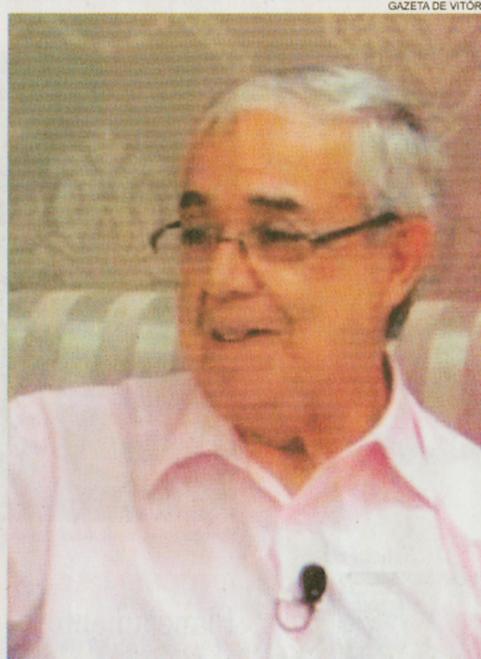
Ex-delegado do Dops-ES cita alagoano entre mortos pelo regime militar

Um depoimento devas-tador do ex-delegado do Dops do Espírito Santo, Cláudio Antonio Guerra, evidencia, mais do que nunca, o porquê da ditadura militar, que dominou o país entre 1964 a 1985, até hoje sofre o repúdio da sociedade brasileira. O ex-torturador, hoje pastor evangélico, conta como matou militantes de partidos de esquerda, entre eles o alagoano Manoel Lisboa de Moura, um jovem cuja formação política teve início na década de 1960, no Colégio Estadual Liceu Alagoano, até se tornar um dos perseguidos pelos militares. Ele desapareceu em 16 de agosto de 1973, aos 29 anos, quando se encontrava em uma praça de um bairro de Recife e, somente ontem, foi conhecido quem foi um dos assassinos.

Cláudio Guerra, hoje com 71 anos, foi o autor de diversos atentados a bombas por todo o país e participou, em 1981, no Rio de Janeiro, do atentado contra o show do 1º de Maio no Pavilhão do RioCentro. Es-

teve envolvido no assassinato de aproximadamente uma centena de pessoas durante a ditadura militar. Trata-se de um delegado capixaba que herdou os subordinados do delegado paulista Sérgio Paranhos Fleury nas forças de resistência violenta à redemocratização do Brasil. O nome de Cláudio Guerra nunca esteve em listas de entidades de defesa dos direitos humanos. Mas, com o lançamento do livro "Memórias de uma guerra suja", que acaba de ser editado, esse ex-delegado do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) entrará para a história como um dos principais terroristas de direita que já existiu no País.

O alagoano Manoel Lisboa de Moura, uma das vítimas do ex-delegado, era filho de Augusto de Moura Castro, oficial da Marinha, e de Iracilda Lisboa de Moura. Sua formação político-ideológica não se deu apenas por meio de leituras, nem sua prisão ocorreu simplesmente por vender livros proibidos.



Cláudio Guerra, autor de vários assassinatos durante a ditadura

UFAL

Militância gerou expulsão da universidade

Ainda adolescente, Manoel Lisboa organizou o grêmio do antigo Liceu Alagoano, depois Colégio Estadual. Foi diretor da União dos Estudantes Secundaristas de Alagoas (Uesa) e aos dezesseis anos ingressou na Juventude Comunista do PCB. Como universitário, organizou o Centro Popular de Cultura da UNE (CPC), apresentou e dirigiu peças de teatro, envolvendo, inclusive, operários da estiva.

Em 1964, quando militava no PCdoB, Manoel Lisboa, então estudante do Curso de Medicina da Ufal, foi expulso da universidade pelo Regime Militar. Transferiu-se para o Recife, onde trabalhou na Companhia de Eletrificação Rural do Nordeste (Cerne) e continuou sua luta revolucionária. Em 1966, Manoel Lisboa, que utilizava nomes falsos como Celso e Mário, fundou o PCR (Partido Comunista Revolucionário), junto com Amaro Luiz de Carvalho, o Capivara, e Ricardo Zarattini Filho. O partido procurou ligar-se às massas camponesas, operárias e estudantes em todo o Nordeste.